

**ANAIS DO
IX SIMPÓSIO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DOS
PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA**

(Florianópolis, 17 a 23 de julho de 1977)

Organizados pelo Prof. Eurípedes Simões de Paula

**Publicados pela Profa. Alice Piffer Canabrava
Secretário Geral da ANPUH**

O HOMEM E A TÉCNICA

Volume III

SÃO PAULO - BRASIL

1979

UM MODELO DIDÁTICO PARA A HISTÓRIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA(*)

AMÉRICO AUGUSTO DA COSTA SOUTO

*da Faculdade de Filosofia, Ciências
e Letras de Itajaí (SC).*

I. INTRODUÇÃO.

Entre os problemas que sentimos no Curso de História, está o da dificuldade de selecionar os fatos mais importantes, bem como dar a visão de síntese do período estudado.

Procurando resolver o problema no campo da História Moderna e Contemporânea, com a qual lidamos já há 15 anos, tentamos ajustar o modelo de BRAUDEL, com o seu escalonamento das três "durações" da História (fato, conjuntura, estrutura), ao período abrangido pela nossa disciplina. Para isso, lançamos mão de um esquema gráfico que, transformando em imagem visual aquilo que BRAUDEL diz em palavras, parece o equacionamento didático mais conveniente para o caso.

Embora reconhecendo o que possa haver de forçado e simplista na nossa solução, bem como também o risco de falsear o pensamento do mestre da Escola Francesa, cremos que nossa tentativa é válida ao menos como resposta didática e metodológica ao problema por nós assinalado. É também uma tentativa de responder à crítica (aliás justa) comumente feita aos Cursos de História: os fatos normalmente da dos de forma linear e sem uma inserção mais profunda nos esquemas conjunturais-estruturais.

O itinerário de nosso resumo mostra, aproximadamente, a seqüência didática em que apresentamos nosso método ao aluno.

* *

*

(*) - Comunicação apresentada na 5a. Sessão de Estudos, Equipe C, no dia 22 de julho de 1977 (*Nota da Redação*).

II. MODELO GENÉRICO DA EVOLUÇÃO HISTÓRICA.

De início, diríamos, com TOYNBEE, que a categoria básica da História é a civilização. E a História Moderna e Contemporânea tem por objetivo, fundamentalmente, o estudo de uma civilização: a cristã ocidental.

Representemos então uma civilização evoluindo no tempo como uma faixa dividida em várias faixas menores, que chamaremos os "setores" da vida histórica (Fig. 1).

Trata-se da civilização vista "de cima".

Agora imaginemos que essa figura seja apenas a parte superior de uma outra, essa não mais uma superfície apenas, mas um sólido com a forma de um paralelepípedo, dividido em várias "fatias" distribuídas contiguamente no sentido da profundidade do texto, ou seja, transversalmente ao eixo do tempo (Fig. 2). O observador se colocando de modo a olhar o sólido de perfil, verificará que este também apresenta uma divisão vertical dois "patamares" na imagem de BRAUDEL. A superfície superior é o *évènementiel*, onde se localizam os fatos, o patamar intermediário é o das *conjunturas* e o inferior o das *estruturas*.

* *

*

III. A ESTRUTURA DA CIVILIZAÇÃO CRISTÃ OCIDENTAL.

Apliquemos o modelo à civilização cristã ocidental. Surgida no início da Idade Média, ela persiste até hoje. Desde logo, perceberemos, pois, que uma civilização é algo dotado de continuidade temporal, uma *longue durée*. E como sistema que "resiste ao tempo por uma longa duração" (BRAUDEL), é uma *estrutura*. E essa continuidade, no caso de nossa civilização, se define por uma *estrutura mental*, caracterizada por quatro traços ideológicos: Cristianismo, individualismo, humanismo, racionalismo. O Cristianismo é a herança judaica de nossa civilização; os três traços resultantes são a herança greco-latina (baseamo-nos sobretudo em TOYNBEE).

Ao lado do tempo, o espaço. No caso, o espaço base da civilização cristã ocidental (Europa Ocidental), aquilo que o antropólogo chamaria de "area cultural".

* *

IV. AS IDADES DA CIVILIZAÇÃO CRISTÃ OCIDENTAL COMO ESTRUTURAS.

Durante a Idade Média (século V ao XV), prevaleceu a mentalidade de cristã, recuando a herança greco-latina. Na Idade Moderna (século XVI ao XIX), a herança grego-latina, após "renascer" no início dessa idade, entra em conflito com a mentalidade cristã-feudal, até vencê-la em definitivo, com as revoluções dos séculos XVIII e XIX. É claro que não limitamos o problema ao plano ideológico (o modelo corre o risco de se reduzir ao "idealismo"), mas também abordamos o econômico, social, político, etc., conforme se pode ver no modelo gráfico (Fig. 3). No período compreendido entre o século XVI e o XVIII ("Antigo Regime") chamamos de *grande conjuntura de transição*, no qual as estruturas feudais estão em conflito ou equilíbrio precário com as propriamente modernas. E a vitória das estruturas modernas se dá na *conjuntura do apogeu* (século XIX).

Quanto à Idade Contemporânea, mais que uma verdadeira "idade", na acepção que tomamos, seria uma conjuntura de crise que abre perspectivas para novas formulações estruturais, nova civilização, tal vez.

Em resumo, as idades são estruturas, como a civilização, mas de duração menor, momentos de uma civilização. Distinguimos, pois, *estrutura de idade* é de *civilização*. E a *conjuntura*, duração ainda menor, momento de uma estrutura.

* *

*

V. AS CONJUNTURAS DA IDADE MODERNA.

Fixemos a atenção ao setor ideológico. Veremos que a estrutura mental individualista, humanista, racionalista, continua em sua essência desde o século XVI ao XIV, assume, porém, modalidades diferentes ao longo de sua evolução. Temos assim o humanismo renascentista (século XVI), o cartesianismo (século XVII), o iluminismo (século XVIII), o liberalismo-científico (século XIX). Esses vários momentos, conjunturas, deverão também ser abordados nos aspectos econômicos, sociais, políticos, etc. Seu espaço, da mesma forma, é uma área cultural.

* *

*

VI. OS FATOS E SUA INSERÇÃO NA CONJUNTURA-ESTRUTURA.

Imaginemos, no século XVI, um fato: Erasmo publica o *Elogio da Loucura* (1511). Essa realidade, o fato, podemos defini-la também pelas duas dimensões: tempo e espaço. Quanto ao tempo, sua duração é a mínima, a data histórica fatual convencional: um ano, um dia... Quanto ao espaço, seria o da cidade onde foi publicada a obra (Rotterdam?). Também aqui a dimensão mínima, um ponto no mapa: cidade, praça, campo de batalha... E acrescentemos mais uma dimensão, o *agente histórico* (no caso, o *personagem*). Se ao lado do fato acima colocarmos outros, por exemplo: Da Vinci publica o *Estudo sobre o Voo dos Pássaros* (Florença?, 1500), Melanchton, *Gramática Grega* (local?, 1518), etc., veremos que todos têm algo em comum com o primeiro, em termos de tempo, espaço e agente histórico: acontecem em datas próximas, na mesma área cultural, os personagens têm mentalidade basicamente comum, formam o *tipo histórico*. Esses denominadores comuns resultam de que todos e esses fatos pertencem a uma conjuntura comum: o *humanismo renascentista*. O mesmo obteríamos comparando entre si Da Vinci, Descartes, Voltaire, Augusto Comte... Agora o denominador comum é *da* do pela *estrutura mental de homem moderno*. Identicamente procederíamos com fatos econômicos, políticos, sociais, etc.

Podemos agora fazer o confronto das "dimensões" do processo histórico:

DIMENSÕES	FATO	CONJUNT.-ESTRUT.
Tempo	Curto, instantâneo	Longo, secular
Espaço	Pequeno, pontual	Amplo (área cultural)
Ritmo	Rápido, irregular	Lento, regular
Grau de abstração	Particular, concreto	Geral, abstrato
Nº de agentes	Individual	Coletivo
Abstração sobre o agente	Personagem	Tipo histórico

* *

★

VII. APLICAÇÕES DIDÁTICAS.

1. Primeiro, montamos o modelo estrutural - conjuntural (cuja memorização é facilitada pelo gráfico).

2. Em seguida, qualquer fato deverá ser ligado à conjuntura ou estrutura correspondente. Na Fig. 3, temos o exemplo de Lutero em Wittenberg, 1517. Observamos que o fato em causa fica inserido num contexto mais amplo, propiciando a percepção de que por baixo de um "minúsculo fato" se oculta toda a história (CH. MORAZÉ).

3. No caso de um fato não encontrar a conjuntura ou estrutura correspondente, isso significa que o esquema está incompleto, exigindo correção.

* *

*

VIII. CONCLUSÕES.

1. O aluno terá simultaneamente uma percepção analítica e sintética.

2. Perceberá o fato numa posição não apenas *cronológica*, mas também *lógica*. E não é a lógica "linear" da sequência de fatos da história fatural, mas sim, o sentido "orgânico" conjuntural e estrutural.

3. O sistema permite o vaivém entre análise e síntese, indução e dedução. Os fatos o explicam e por ele se explicam.

4. Faz-se a partilha entre o trabalho do professor e o do aluno. O primeiro explicará os mecanismos estruturais-conjunturais, apresentando apenas os fatos-chaves. O aluno preencherá as lacunas, situando os fatos omitidos.

5. Embora não tenhamos até agora feito uma avaliação didática em termos rigorosamente técnico sobre o método em causa, temos-lo usado com apreciável sucesso. Dois ex-alunos dizem, de outra parte, tê-lo aplicado com proveito no ensino médio.

6. O modelo mereceria restrições de ordem teórica e histórico-filosófica. Não pretendemos reduzir a essência da dinâmica da civilização cristã ocidental a uma simples dialética entre a herança greco-latina e a judaico-cristã(l). Trata-se apenas de um exercício de abstração e síntese para o aluno, de fazê-lo perceber a "dialética da duração" de BRAUDEL e de um método didático.

INTERVENÇÕES.

Do Prof. *Denis Bernardes* (da Universidade Federal de Pernambuco).

Pergunta:

"1º) É possível falar de uma civilização ocidental cristã até nossos dias? Como falar de permanência do Cristianismo, humanismo, racionalismo e individualismo, diante, por exemplo do movimento socialista?

2º) Como incorporar os movimentos de massa diante da afirmação de que os fatos são o domínio por excelência do personagem individual?

3º) Onde, no modelo proposto, entram os momentos de ruptura?"

★

Da Profa. *Leda Scheibe* (da Universidade Federal de Santa Catarina).

Indaga:

"Sendo o modelo apresentado um *modelo didático*, qual o ponto de partida para a sua aplicação prática? Fatos, conjuntura ou estrutura?"

★

Do Prof. *Jacayr Monteiro* (da Universidade Federal de Santa Catarina).

Pergunta:

"Se a história é factual (1º e 2º graus) não seria difícil aplicar semelhante sistema em nível superior?

Seria uma forma de ensinar história? Ou seria melhor aplicável àqueles que já "conhecem" uma história factual?"

★ ★

★

RESPOSTAS DO PROF. AMÉRICO AUGUSTO DA COSTA SOUTO.

Ao Prof. *Denis Bernardes*.

1º) O fato de que existam, atualmente tendências ideológicas contrárias às da civilização cristã ocidental, como o socialismo, não sig

nifica que ela tenha deixado de existir, mas apenas que está sendo contestada em suas bases. Aliás, o século XX é o século da crise dessa civilização. De que modo ela responderá a esse e outros desafios é algo que cai no campo da especulação em termos hipotéticos. É possível, inclusive, que dessa crise resulte uma nova civilização, to - tal ou parcialmente diferente da cristã ocidental.

29) Os fatos são, *em regra*, o domínio do personagem individual . Isso, porém, não impede que em certos casos (Queda da Bastilha, por exemplo) o agente histórico seja o homem anônimo.

39) Os momentos de rupturas estão explicitados, no modelo, na crise do fim da Idade Média, na Revolução Francesa, na Industrial e na crise do século XX.

★

À Profa. *Leda Scheibe*.

O ponto de partida que temos usado é a *estrutura*. Explicam-se as características da civilização cristã ocidental (sua mentalidade, ideologia). Em seguida as características das três *idades* desta civilização. Finalmente, as conjunturas da Idade Moderna e Contemporânea, onde, então, são inseridos os *fatos*. No entanto, o sistema não é rígido, não há uma separação rigorosa na sequência da apresentação dos níveis, sendo os fatos invocados como exemplificação (supondo-se, é claro, que os alunos tenham um m^{ínimo} de conhecimento factual), ao se caracterizarem as estruturas e conjunturas.

★

Ao Prof. *Jaecyr Monteiro*.

19) O que temos visto é que nem no Curso Superior foi superado o factual, em muitos casos. Isso é claro que traz dificuldades para a aplicação do método. Mas na experiência que temos os resultados têm sido, em geral, positivos.

29) Para nós seria uma forma de ensinar História e que deveria ser tentada mesmo a nível de ensino médio. Alguns ex-alunos nossos dizem ter conseguido resultados positivos nesse campo. E um colega da Universidade Federal do Paraná apresentou um projeto à Secretaria de Educação daquele Estado propondo que no ensino médio se comece a abor

dar o nível estrutural. É claro que as dificuldades aí seriam maiores, dada a capacidade de abstração que o modelo exige. Mas não se exige também capacidade de abstração, no ensino médio, ao lecionar Matemática e outras Ciências Exatas? Por que a História não deveria fazer o mesmo?

* *

*

NOTA.

- (1) Sabemos também dos problemas que resultam da categoria "civilização", à qual têm sido feitas restrições (V. PELLETIER, A. & GOBLOT, J.J. *Materialismo histórico e História das Civilizações*. Lisboa, Editorial Etapa, 1970, 200 p.).